

O JAPÃO, PEARL HARBOR E A SAGA DO ALMIRANTE KIMMEL

Parte XII – Pearl Harbor – Antecedentes

A história ensina, mas é necessário que os responsáveis pelos destinos da humanidade tenham a capacidade de interpretá-la corretamente para aprender seus ensinamentos.

MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (Ref^o)

SUMÁRIO

A determinação de Roosevelt
O livro de Mark Emerson Willey
Códigos usados pela Diplomacia e pela Marinha do Japão
Advertências – cronologia
Comissões e acobertamentos
Constatações
Por que sacrificar os navios velhos e lentos
Cobertura através do segredo
O que o governo está escondendo?
O estadista

A DETERMINAÇÃO DE ROOSEVELT

Será apreciado o modo como agiu o Presidente Franklin Delano Roosevelt (FDR) ao levar os Estados Unidos (EUA) à luta contra Hitler. A nação americana, em

sua grande maioria, embora fosse contrária ao totalitarismo, opunha-se a enviar sua juventude para a guerra.*

Com a assinatura do Pacto Tripartite entre Alemanha, Itália e Japão, Roosevelt vislumbrou sua estratégia política para que a

* N.A.: Pesquisa do Instituto Gallup realizada em princípios de setembro de 1941 mostrava que 88% concordavam com os pontos de vista do bloco isolacionista liderado pelo grande herói americano Charles Lindberg e pelo industrial Henry Ford.

Alemanha, o grande perigo contra a liberdade e a humanidade antevisto pelo Presidente, finalmente declarasse guerra aos EUA, fato que Hitler, apesar de todas as provocações americanas no Atlântico em benefício do Reino Unido, não desejava. E tal *desideratum*, após a assinatura do Pacto, seria conseguido por meio do Japão, que, estrangulado economicamente pelos americanos, ingleses e holandeses, não teria outro caminho senão a guerra contra a América, que, ao ser atacada, uniria seu povo.

A grande estratégia de FDR pode ser sintetizada na determinação do Presidente aos seus chefes militares: “Os EUA desejam que o Japão cometa o primeiro ato de agressão”. Esta ordem, contudo, não o livraria do dilema: teria que usar caminhos tortuosos a fim de persuadir a grande maioria isolacionista – desiludida com o sonho americano na Primeira Grande Guerra de trazer o mundo para a democracia e a paz – para se unir na luta pela liberdade. Um ataque de “surpresa” da parte do Japão atenderia a seu propósito, mas custaria vidas; quantas, não poderia estimar.



Roosevelt não fora original ao incentivar ou pressionar o Japão a desferir o primeiro golpe. Em 25 de abril de 1846, uma patrulha mexicana atravessou o Rio Grande e teve um entrevero com soldados estadunidenses. Era a provocação que Polk esperava, porque deveria ser o México que atacaria os EUA. Ante a história, fosse puritana ou quacre, ou de qualquer modo para uma explicação hipócrita aos americanos, o México deveria ser o agressor, para desse modo o fato ser apresentado ao mundo com certa aparência jurídica.

“Em 11 de maio de 1846, James E. Polk declarou solenemente: ‘Depois de repetidas ameaças, o México cruzou as fronteiras

dos EUA, invadiu nosso território e fez derramar sangue americano!’.”

“Assinado o tratado de paz em 8 de fevereiro de 1848 os EUA obtiveram do México o Novo México, o Arizona e a Califórnia, além de ter reconhecida a anexação do Texas, num total de 1 milhão de milhas quadradas, ao preço de uma compensação de US\$ 15 milhões pelos territórios conquistados pela força”.



Ao ir deixando o Japão sem opções para negociar, até levá-lo a uma posição cuja única alternativa seria a guerra, FDR conduziu os nipônicos – então sob um governo militarista, chefiado pelo General Tojo, que olhava os problemas quase que exclusivamente de uma ótica militar – a atacarem Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, data cognominada por Roosevelt, em sua fala ao Congresso para solicitar a declaração de guerra, como “Dia da Infâmia”.

O povo americano, em sua totalidade, incluindo os mais ferrenhos isolacionistas, como Charles Lindberg e Henry Ford, atendeu ao chamado do Presidente.

É possível que Pearl Harbor tenha sido um preço muito alto, além de qualquer estimativa que o Presidente pudesse ter feito. Em decorrência, passados poucos dias, a imprensa e a opinião pública começaram a questionar as mortes e as perdas em Pearl Harbor. Culpados deveriam ser apontados. Roosevelt agiu rápido e designou uma comissão especial de investigação para apurar as causas do ataque. A comissão, presidida pelo associado à Suprema Corte de Justiça Owen J. Roberts, homem que compartilhava de suas idéias, e composta por membros de sua confiança, completou seu trabalho em 23 de janeiro de 1942. Absolveu os membros que compunham o *establishment* político e militar em Washing-

ton de qualquer culpa. A responsabilidade recaiu toda nos ombros do Almirante Husband E. Kimmel, comandante da Esquadra do Pacífico, e do Tenente-General Short, comandante das forças do Exército no Havaí, os maiores bodes expiatórios da guerra, nas palavras do grande Almirante Halsey.

O Presidente havia conseguido seu intento com a declaração de guerra da Alemanha nazista e da Itália fascista aos EUA, ao honrar seus compromissos com o Japão.* Roosevelt não deixaria a Inglaterra naufragar. Os EUA mobilizaram seu inquestionável poderio industrial e humano para derrotar Hitler.

Para FDR, o fim (a entrada da Alemanha na guerra) justifica os meios (o ataque de "surpresa" a Pearl Harbor)**.

Nunca é demais lembrar que a guerra trouxe o pleno emprego e, com ele, o fim da grande depressão, diminuída com as medidas tomadas pelo New Deal, mas que ainda se arrastava.

O Presidente havia conseguido seu intento com a declaração de guerra da Alemanha nazista e da Itália fascista aos EUA, ao honrar seus compromissos com o Japão

★ ★

A grande discussão que persiste até hoje, pendendo a cada dia que passa para a posição defendida pelos revisionistas – à medida que são desclassificados documentos sensíveis, em razão do Freedom of Information Act, de autoria do congressista democrata pela Califórnia John Moss –, é se FDR e seus auxiliares mais próximos conheciam antecipadamente a data do ataque de "surpresa" a Pearl Harbor.

O excelente serviço de inteligência das comunicações havia quebrado o mais alto código diplomático japonês (Purple Code), o principal livro de códigos dos japoneses (J-19) e o JN-25, código da Marinha Imperial, e estava equipado para interceptar, decodificar e traduzir as mensagens diplomáticas e principalmente, no que concerne a Pearl Harbor, as mensagens trocadas dentro da Marinha do Japão.

O silêncio rádio que cobriu o deslocamento da Força-Tarefa do Almirante Suichi Nagumo desde Hitokappu Wan (baía) até as proximidades de Pearl Harbor hoje nada mais

é que um mito, cuidadosamente alimentado pelos interesses americanos e japoneses.

As "bomb plot", mensagens transmitidas usando o código J-19 pelo serviço de inteligência japonês no Consulado-Geral em Honolulu, atendi- am a ordens de Tóquio para que fosse informada a posição e a movimentação dos navios americanos em Pearl Harbor, dentro de um sistema de grades, por classe de navios, indicando claramente Pearl Harbor como o objetivo do ataque. Hoje elas, as "bomb plot", estão na categoria dos fatos históricos.

★ ★

Estou escrevendo em meados de agosto de 2006. Cerca de duas semanas atrás

* N.A.: A bem da verdade, a Alemanha e a Itália não estavam obrigadas pelo Tratado Tripartite a declarar guerra aos EUA. O Tratado falava de uma das nações agredidas, e o Japão fora o agressor.

** N.A.: Houve 2.403 mortos entre marinheiros, soldados, fuzileiros e civis, e 1.178 civis feridos. A título de comparação, nos ataques terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono morreram cerca de 3 mil pessoas.

assisti, no canal por assinatura *The History Channel*, a um documentário que discutia este assunto. Entre os entrevistados encontravam-se professores e historiadores defensores de Roosevelt e outros da linha revisionista. Foi dado destaque ao revisionista Robert B. Stinnet, autor do excelente livro *Day of Deceit, The Truth about FDR and Pearl Harbor*, que foi presenteado ao articulista pelo saudoso Almirante Celso Guimarães Lapa, então adido naval em Washington D.C. O apresentador do programa concluiu que, apesar de inúmeras evidências da parte dos revisionistas, a questão só poderá ser inteiramente elucidada quando toda a documentação for liberada pelo governo dos EUA.

O LIVRO DE MARK EMERSON WILLEY

Transcreverei trechos do livro *Pearl Harbor, Mother of all Conspiracies*, na verdade uma *webpage* (cerca de 10% da obra), de autoria de Mark Emerson Willey, a respeito de antecedentes de Pearl Harbor:

- **1904** – Os japoneses destruíram a Marinha da Rússia, em um ataque de surpresa, antes de declarar a guerra.

- **1932** – Durante o Grande Exercício Conjunto Exército-Marinha, 152 aviões embarcados em navios-aeródromos surpreenderam as guarnições de Pearl Harbor. Era um domingo.

- **1938** – O Almirante Ernest King conduziu um ataque aéreo baseado no USS *Saratoga*, com sucesso, contra Pearl Harbor, em outro exercício.

- **1940** – FDR ordenou que a Esquadra fosse transferida da Costa Oeste para as desabrigadas posições no Havaí e deter-

minou que ela permanecesse estacionada em Pearl Harbor, sob queixas de seu comandante, o Almirante Richardson, então comandante da Marinha dos EUA, que entendia ser a proteção contra ataques aéreos inadequada e que não havia proteção contra ataques torpédicos. Richardson considerou tão fortemente a situação que, por duas vezes, desobedeceu às ordens de basear seus navios em Pearl Harbor e levou a questão pessoalmente a FDR em outubro. Pouco depois foi substituído. Seu sucessor, Almirante Kimmel, levantou o mesmo problema com o Presidente, em junho de 1941.

- **7 de outubro de 1940** – O analista do setor de inteligência da Marinha Mac Collum apresentou um memorando com oito pontos com o propósito de forçar o Japão à guerra com os EUA. No dia seguinte, FDR começou a colocá-lo em prática e todos estes oito foram eventualmente realizados.

- **11 de novembro de 1940** – 21 velhas aeronaves inglesas destruíram a esquadra italiana, inclusive três encouraçados, em sua base de Taranto, no sul da Itália, usando torpedos com tecnologia para o lançamento em águas rasas.

- **Março de 1941** – FDR vendeu munição e mandou comboiar os transportes para os beligerantes na Europa – ambos atos de guerra, ambos violações das leis internacionais – sob os auspícios da Lei de Empréstimos e Arrendamentos.

- **23 de junho de 1941** – O assessor Harold Leker escreveu um memorando ao Presidente após a Alemanha invadir a União Soviética: “Neste instante é possível evoluir para o embargo de óleo contra o Japão de tal modo que levaria não à possibilidade, porém à efetiva entrada do Ja-

* N.A.: A leitura, talvez enfadonha, na opinião do articulista é deveras esclarecedora. A cronologia adotada facilita ao leitor o acompanhamento dos eventos que, de forma crescente, levaram a Pearl Harbor.

pão na guerra. E se isto acontecer, nós indiretamente estaríamos em guerra e evitaríamos as críticas que o fizemos como um aliado da Rússia comunista”. FDR ficou satisfeito com o relatório do Almirante Richmond Turner* datado de 22 de julho: “De modo geral é acreditado que o corte do suprimento de petróleo americano para o Japão levará este país a invadir as Índias Orientais Holandesas... parece certo que também fosse incluída uma ação militar contra as Ilhas Filipinas, o que nos envolveria imediatamente em uma guerra no Pacífico”. Em 24 de julho, Roosevelt, em discurso ao Volunteer Participation Committee, falou: “Se tivéssemos cortado o óleo do Japão, eles (os japoneses) provavelmente teriam atacado as Índias Orientais Holandesas há um ano e vocês teriam tido a guerra.” No dia seguinte, FDR congelou os ativos japoneses nos EUA e cortou o suprimento de óleo, o que forçou o Japão a atacar a América. Informações de inteligência, a partir de então, passaram a ser sonegadas aos comandantes no Havaí.

• **14 de agosto** – Durante a Conferência do Atlântico, Churchill observou a “surpreendente intensidade do desejo de Roosevelt de ir à guerra”. Churchill informou ao seu gabinete: “[FDR] obviamente está muito determinado a entrar na guerra”.

• **18 de outubro** – No diário do secretário do Interior Harold Ickes: “Há muito tempo eu acredito que a melhor maneira de entrarmos na guerra seria por meio do Japão”.

CÓDIGOS USADOS PELA DIPLOMACIA E PELA MARINHA DO JAPÃO

• **Código Púrpura** – era o mais alto código diplomático japonês. Foi quebrado

pelo Serviço de Inteligência – Comunicações do Exército dos EUA (331 homens).

• **J-19** – era o principal livro de códigos japoneses. Também foi quebrado.

• **Máquina de Cifra Coral ou JNA-20** – versão simplificada do Púrpura, usado pelos adidos navais. Somente uma mensagem decifrada pelo JNA – antes de Pearl Harbor – foi desclassificada.

• **JN-25** – O Sistema de Código Japonês Criptográfico da Marinha, JN usado pela Marinha Imperial desde 1º de junho de 1939. É um sistema de livro de códigos muito antigo e simples. Os EUA usaram esse sistema e o abandonaram em 1917 por sua insegurança. Sua versão A tem um dicionário de 5.600 números, palavras e frases representados por cinco números, os quais são supercifrados pela adição randômica de números contidos em um segundo livro de códigos. O dicionário foi mudado apenas uma vez antes de Pearl Harbor, em 1º de dezembro de 1941, para uma versão B um pouco mais extensa, porém o livro randômico era alterado a cada três ou seis meses – a última foi em agosto de 1941. Os japoneses erraram (cometeram asneira) quando introduziram o JN-25B e continuaram a usar, por dois meses, livros randômicos que já haviam sido previamente identificados pelos Aliados. Isso foi o equivalente a passar adiante o dicionário do JN-25. Tornou-se uma brincadeira de criança para os decifradores do grupo OP-20-G da Marinha (738 homens cujas maiores responsabilidades eram os códigos navais japoneses) reconstruir o novo dicionário. Em 1994 a NSA** publicou que o JN-25B estava completamente quebrado em dezembro de 1940. Em janeiro de 1941, os americanos cederam aos britânicos dois livros de códigos do JN-25B com as chaves

* N.A.: Chefe do Planejamento de Guerra Marinha.

** N.A.: National Security Agency.

e técnicas para decifrá-lo. Churchill escreveu: “Desde o final de 1940 os americanos haviam penetrado nas cifras vitais japonesas e estavam decodificando grande número de suas mensagens militares e diplomáticas” (Grand Alliance pág.598). A declaração oficial da Marinha dos EUA sobre o JN-25B encontra-se no Naval Security Group History to World War II, preparado pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra J. Holtwick em junho de 1971, à pág. 398: “Em 1º de dezembro de 1941 nós tínhamos o código decifrado e legível em toda sua extensão”. O chefe dos criptoanalistas e criptógrafos da Marinha, Safford, informou que durante 1941 “a equipe do Comando de Inteligência da Marinha executou um trabalho perfeito envolvendo a Marinha do Japão, sem o auxílio do Exército”. O primeiro parágrafo do Congressional Report Exhibit 151 assinalou que os EUA estavam lendo o fluxo de mensagens JN-25B instantaneamente e trocando as “traduções” com os britânicos antes de Pearl Harbor.

O maior criptologista da US Navy, Safford, escreveu, em julho de 1982: “No que concerne à segurança inerente aos códigos e cifras, o JN-25B era um pouco melhor do que as cifras usadas por Júlio César e Augusto César.” O vocabulário era em japonês – suplementado por caracteres chineses –, e a dificuldade de escrever em japonês representava maior segurança e ocasionava mais dificuldade do que o sistema criptográfico em si.

• **Todo esquema do ataque à Pearl Harbor está contido nas mensagens transmitidas no JN-25.** Em 1979 a NSA

Churchill escreveu: “Desde o final de 1940 os americanos haviam penetrado nas cifras vitais japonesas e estavam decodificando grande número de suas mensagens militares e diplomáticas”

liberou 2.413 ordens criptografadas no JN-25. Foram interceptadas pelos EUA, entre 1º de setembro e 4 de dezembro de 1941, 26.581 mensagens. A NSA esclareceu então: “Nós sabemos agora que elas contêm importantes detalhes concernentes à existência, à organização, ao objetivo e mesmo onde se encontrava a Força de Ataque a Pearl Harbor” (Parker, *PH Revisited*, pág. 21). Sobre as milhares de mensagens rádio enviadas por Tóquio para a força de ataque, somente 20 se encontram nos Arquivos Nacionais. Todas as mensagens transmitidas para a força de ataque foram enviadas muitas vezes; no mínimo uma

mensagem era encaminhada nas horas ímpares do dia e cada uma delas tinha um especial número de série. Começando em novembro de 1941, quando a força de ataque reuniu-se e começou a receber mensagens via rádio, OP-20-G permaneceu de serviço 24 horas diariamente, guarnecida

pelo “Primeiro Time” de criptógrafos que trabalhavam no JN-25. No início de dezembro de 1941, OP-20-G despendia 85% de seus esforços em cima do tráfego da Marinha Imperial, 12% no tráfego diplomático japonês e 3% nos códigos navais alemães. FDR era informado pessoalmente, duas vezes por dia, resumidamente, sobre o tráfego obtido da decodificação do JN-25 por seu ajudante CMG John Beardell e determinava que lhe fosse mostrada a tradução original das mensagens em inglês. O governo dos EUA recusa-se a identificar ou desclassificar qualquer mensagem anterior a 7 de dezembro de 1941, decifrada do JN-25, alegando ques-

tões de segurança nacional, meio século após o término da guerra*.

• **AD ou Código Administrativo** – Erroneamente chamado Código do Almirantado. Era um velho código de transposição de quatro caracteres, usado para assuntos pessoais. Nenhuma mensagem importante foi transmitida neste fraco código. Introduzido em 1938, foi raramente usado depois de dezembro de 1940.

• **Magic** – É a designação de segurança dada a todas as mensagens diplomáticas decodificadas. É difícil deixar de concordar com historiadores como Charles Bateson, de que o “Magic sustenta sozinho pontos tão irresistíveis sobre o ataque a Pearl Harbor que é inconcebível que alguém pudesse não ter conseguido prever a movimentação da Marinha Imperial”. A NSA chegou à mesma conclusão em 1955.

ULTRA – É a designação de segurança para as mensagens militares decodificadas.

ADVERTÊNCIAS – CRONOLOGIA

O autor Mark Emerson Willey cita uma série de eventos que não causaram mal, mas que poderiam ter se constituído em bem inexprimível.

• **27 de janeiro de 1941** – Dr. Ricardo Shreiber, enviado peruano a Tóquio, disse a Max Bishop, terceiro-secretário da Embaixada dos EUA, que tomara conhecimento da existência de um plano envolvendo um ataque de surpresa a Pearl Harbor.

• **31 de março de 1941** – Uma informação da Marinha oriunda de Bellinger e Martin predizia que se o Japão entrasse em guerra com os EUA os japoneses atacariam Pearl Harbor sem aviso, no crepúsculo matutino, com aviões procedentes de no máximo seis navios-aeródromos. Durante anos os responsáveis pelo planejamento

da Marinha assumiram que o Japão, ao iniciar uma guerra, atacaria a Esquadra americana onde ela estivesse – uma vez que se constituía no grande perigo para o Japão. Era a única ameaça aos planos japoneses. A Esquadra em Pearl Harbor constituía-se no único alvo de alto valor... Logicamente, o Japão não poderia engajar-se em qualquer grande operação com a Esquadra americana no seu flanco. Um violento ataque que incapacitasse a Esquadra americana no Havaí seria a única oportunidade que os militares japoneses teriam para uma eventual vitória. As opções estratégicas para os japoneses não eram ilimitadas.

• **10 de julho** – O adido militar americano em Tóquio, Smith-Hutton, informou que a Marinha Imperial secretamente fazia exercícios de lançamento de torpedos contra navios de linha na Baía de Ariake. A baía era bastante semelhante a Pearl Harbor.

• **Julho** – O adido americano no México encaminhou um informe sobre a construção de mini-submarinos para atacar navios americanos em Pearl Harbor e revelou que um programa de treinamento estava em elaboração, inclusive o reboque dos mini-submarinos do Japão para posições ao largo das costas das ilhas havaianas, onde eles praticariam imersão e emersão.

• **10 de agosto de 1941** – O top agente britânico codinome “Tricycle”, Dusko Popov, informou ao FBI sobre o ataque a Pearl Harbor e que ele ocorreria cedo. O FBI respondeu-lhe que sua informação era “demasiadamente precisa, demasiadamente completa para se acreditar nela. O questionário mais a outra informação que você trouxe à tona detalham exatamente onde, quando, como e por quem nós vamos ser atacados. Tudo isso soa como uma armadilha”. Ele também informou que um oficial graduado japonês deslocou-se até Taranto

* N.A.: A situação hoje permanece praticamente a mesma.

a fim de coletar todos os dados secretos sobre o ataque sofrido pela Marinha italiana e que isso era da maior importância para a Marinha do Japão. Essa informação foi retransmitida à Inteligência da Marinha.

• **No início do outono**, Kilsoo Haan, um agente do Sino-Korean People League, falou a Eric Severeid, da CBS, que o submundo coreano na Coreia e no Japão tinha provas positivas de que os japoneses atacariam Pearl Harbor antes do Natal. Entre outras coisas, um coreano havia visto os planos. No final de outubro, Haan finalmente convenceu o senador Guy Gillette de que os japoneses estavam planejando atacar. Gillette alertou o Departamento de Estado, as Inteligências do Exército e da Marinha e, pessoalmente, FDR.

• **24 de setembro de 1941** – A “*bomb plot*”, mensagem no código J-19 da Inteligência Naval Japonesa para o cônsul-geral em Honolulu pedindo a localização, com precisão, dos navios em um sistema de grades para uso dos pilotos dos bombardeiros e torpedeiros, foi decifrada. Não havia razão para saber a exata localização dos navios no porto, a não ser para atacá-los – isto deveria ter sido uma revelação fatal. O chefe do Planejamento de Guerra Turner e o chefe de Operações Navais Stark repetidamente retiraram as localizações e advertências nelas baseadas preparadas por Safford, e não as transmitiram para o Havaí. O chefe da Inteligência Naval, CMG Kirk, foi substituído por sua insistência em alertar a Inteligência do Havaí. Foi a falta de informações deste tipo que levou à exoneração dos comandantes da Marinha e do Exército no Havaí e a responsabilidade a eles imputada por Washington de encontrarem-se despreparados para enfrentar o ataque segundo o Army Board e a Navy Court. Em nenhuma outra ocasião os japoneses exigiram semelhante “*bomb*

plot” para qualquer outra instalação militar americana. Por que a administração Roosevelt permitiu tão flagrante ação da espionagem japonesa em Pearl Harbor nunca ficou esclarecido, porém eles* bloquearam duas investigações do Congresso no outono de 1941, o que permitiu que continuasse a troca de mensagens entre Tóquio e o consulado do Japão em Honolulu. As “*bomb plots*” foram destinadas ao “Chief of 3rd Bureau, Naval General Staff”, carimbadas com Secret Intelligence Message, com especial número de série, assim seu significado não poderia ser perdido. Em 7 de dezembro encontravam-se 95 navios em Pearl Harbor. O texto foi o seguinte:

“Estritamente secreto.

Doravante gostaríamos que você enviasse seus relatos concernentes aos navios de acordo com as linhas abaixo, como possível:

1. As águas (de Pearl Harbor) deverão ser divididas num esboço contendo cinco subáreas (não temos objeção para que seja abreviado de acordo com seu ensejo).

Área A – Águas entre Ford Island e o Arsenal.

Área B – Águas adjacentes à ilha ao sul e oeste de Ford Island.

(Esta área está no lado oposto da ilha da Área A.)

Área C – East Loch.

Área D – Middle Loch.

Área E – West Loch e rotas de comunicação na baía.

2. Com respeito aos navios de guerra e navios-aeródromos, gostaríamos de receber informações daqueles fundeados, atracados a contrabordo no cais, amarrados às bóias e nas docas. (Designar tipos e classes resumidamente. Se possível, que fizessem menção quando houvesse dois ou mais navios a contrabordo no mesmo cais.)”.

* N.A.: Membros da maioria democrática no Congresso.

• Uma simples análise do aumento da frequência de mensagens de diferentes consulados japoneses indicava outra identificação dos preparativos para a guerra – de agosto a dezembro foram seis mensagens de Seattle, 18 do Panamá, 55 de Manila e 68 do Havaí.

• **Outubro** – Richard Sorge, o maior espião na história da Segunda Guerra, informou ao Kremlin que Pearl Harbor seria atacada nos próximos 60 dias. Moscou respondeu-lhe que sua informação fora repassada aos EUA. Interessante saber que todas as referências sobre Pearl Harbor contidas nas 32 mil palavras arquivadas no Departamento de Guerra referentes à confissão de Sorge* aos japoneses foram “deletadas”. (*NY Daily News*, 17 de maio de 1951).

• **16 de outubro** – FDR grosseiramente humilhou o embaixador do Japão e recusou-se encontrar com o *premier* Konoye a fim de discutir sobre a paz. Konoye caiu e foi substituído pelo governo militarista chefiado pelo General Tojo.

• **1º de novembro** – Mensagem no JN-25 ordena continuar as informações sobre os navios capitais ancorados a fim de preparar “a emboscada e completa destruição do inimigo americano”. A mensagem incluía referência sobre bombas perfurantes e “torpedos de superfície lançados próximo ao alvo”.

• **13 de novembro** – O embaixador alemão nos EUA disse a um setor de Inteligência americano que Pearl Harbor seria atacada.

• **14 de novembro** – A Marinha Mercante japonesa foi alertada de que as mensagens deveriam ter seus recebimentos acusados com os sinais de tempo de guerra a partir de 1º de dezembro.

• **22 de novembro** – Tóquio instruiu o Embaixador Nomura em Washington sobre

prorrogar o prazo final das negociações para 29 de novembro. “Esta data significa ser a data final; absolutamente não pode ser alterada. Após, as coisas acontecerão automaticamente.”

• O diretor da CIA, Allen Dulles, em pronunciamento público após a guerra, disse que os EUA foram alertados em meados de novembro de 1941 de que a Força de Ataque japonesa havia suspenso rumo leste, passado a Baía de Tóquio e estava deslocando-se para atacar Pearl Harbor. Arquivo CIA liberado pela FOIA**.

• **23 de novembro** – Ordem no código JN-25: “O primeiro ataque aéreo ocorrerá às 0330 horas no dia X”. (Hora de Tóquio ou 8 da manhã em Honolulu.)

• **25 de novembro** – Os ingleses decodizaram a Mensagem dos Ventos transmitida em 19 de novembro; os americanos, em 28 de novembro. Foi utilizado o código J-19 na mensagem de que seria um ataque e que a ordem seria dada pela rádio de Tóquio, em seu boletim meteorológico – chuva significando guerra, este (*higashi*) significando EUA.

• **25 de novembro** – O secretário da Guerra Stimson anotou em seu diário: “FDR declarou que nós seríamos atacados talvez tão cedo quanto a próxima segunda-feira”. FDR colocou: “A questão prende-se a como poderíamos manobrá-los para a posição onde disparariam o primeiro tiro sem muito perigo para nós. A despeito do risco envolvido em deixar os japoneses atacarem primeiro, nós entendíamos que para a obtenção do apoio total do povo americano era desejável estarmos seguros de que os japoneses fariam isso; assim, não haveria dúvida em nenhuma mente sobre quem foram os agressores”.

* Sorge, alemão, comunista, acabou sendo preso pela contra-espionagem japonesa. O Japão ofereceu trocá-lo por espiões japoneses detidos na URSS. Stalin recusou. Sorge foi fuzilado. Após a morte de Stalin foi reconhecido como “herói da URSS”.

** FOIA – Freedom of Information Act.

• **25 de novembro** – O Departamento da Marinha ordenou a todos os navios mercantes navegando no Pacífico para tomarem a rota sul. PHH 12:317 (PHH – 1946, Relato do Congresso, vol. 12, pág. 317). O Almirante Turner testemunhou: “Nós desviamos o tráfego para o sul do Estreito de Torres”, pois só assim o acompanhamento da Força Tarefa japonesa não seria perturbado por qualquer tráfego”. PHH4:1942.

• **25 de novembro** – Yamamoto transmitiu via rádio a seguinte ordem no código JN-25: “a) A força-tarefa, mantendo seus movimentos estritamente secretos e coberturas próximas contra submarinos e aviões, avançará para águas havaianas, e logo após a abertura das hostilidades atacará a força principal da Marinha dos EUA no Havaí, quando desferirá um golpe mortal. O ataque está planejado para o dia X – a data exata será dada em ordem posterior. b) Caso as negociações com os EUA tenham sucesso, a força-tarefa permanecerá em prontidão, e retornará imediatamente e será reorganizada. c) A força-tarefa suspenderá de Hitokappu Wan na manhã de 26 de novembro, demandará para a posição de espera na tarde de 4 de dezembro e rapidamente completará o reabastecimento de óleo”. (Ordem de Movimento – escaneado do PHA Congressional Hearings Reports, vol.1. Pág.180, transcrita na pág. 437–38). A mensagem foi decodificada pelos ingleses em 25 de novembro e pelos holandeses em 27 de novembro. Quando foi decodificada pelos EUA tornou-se um segredo nacional; contudo, em 26 de novembro a Inteligência da Marinha informou sobre a concentração de unidades da Marinha japonesa em porto desconhecido, prontas para ação ofensiva.

• **26 de novembro** – Churchill enviou mensagem secreta e urgente para FDR, provavelmente contendo o texto acima. Esta mensagem causou o maior alvoroço no DC¹. Stark testemunhou sob juramento que “em 26 de novembro foram recebidas evidências específicas da intenção japonesa de empreender uma guerra ofensiva contra o Reino Unido e os Estados Unidos”. O diretor da CIA, William Casey, que se encontrava no OSS em 1941, em seu livro *A guerra secreta contra Hitler*, pág. 7, escreveu: “Os ingleses enviaram informações de que uma esquadra japonesa estava navegando para leste em direção ao Havaí.” Washington, em ordem datada de 26 de novembro, em decorrência da reunião sobre o “primeiro tiro” no dia anterior, determinou que os navios-aeródromos *Enterprise* e *Lexington* deixassem Pearl Harbor “o mais cedo possível”. Esta ordem incluía o embarque de 50 aviões ou 40% da já inadequada proteção aérea. Em resposta à mensagem de Churchill, FDR secretamente comunicou-se com ele naquela tarde: “Negociações encerradas. Forças Armadas aguardam ação dentro de duas semanas.” Observe-se que essa foi a única vez que FDR teria amarrado as negociações com o emprego de seus militares, e não se incomodou em haver dado conhecimento sobre o *timing* da ação, *was if he had the message to sail*². Em outras palavras, a única ação militar contingente em negociações era Pearl Harbor.

• **26 de novembro** – “O mais condenável documento” foi o ultimato de Hull, segundo o qual o Japão deveria retirar-se da Indochina e de toda a China. O embaixador de FDR no Japão assim se expressou: “O

¹ N.A.: Estreito de Torres – entre a Austrália e a Nova Guiné.

² N.A.: DC – Distrito de Colúmbia.

³ N.A.: A ocasião para a ação, o “*timing*”, era se e quando ele tivesse a mensagem de saída dos navios japoneses.

documento acionou o botão que começou a guerra”.

• **27 de novembro** – O secretário da Guerra Stimson transmitiu uma mensagem confusa, que deixava sem saber exatamente o que estava acontecendo e também o que fazer em razão de uma possível ação hostil, uma “faça-não faça” advertência. A Navy Court encontrou esta mensagem com origem em Pearl Harbor, em vez de dirigida a Pearl Harbor. Um dos propósitos da mensagem era levar a Inteligência no Havaí a acreditar que as negociações continuavam em andamento. O Exército, que não poderia fazer vôos de reconhecimento, foi ordenado a fazê-los e Marinha que poderia fazê-los foi determinado que não os fizesse. O Exército recebeu ordens para ficar em alerta contra atos de sabotagem, o que excluía obviamente ameaças externas. A atenção da Marinha foi desviada para 5 milhas das Ilhas Havaianas. O Distrito de Colúmbia repetiu, não menos do que três vezes, como uma instrução do Presidente: “Os EUA desejam que o Japão cometa o primeiro ato de guerra. Sem discussão”. Era anormal que FDR dirigisse diretamente ao Havaí assunto de rotina, o que é prova de que ele conhecia outros alertas que não haviam sido transmitidos àqueles comandos. Uma simples questão. Que “ato de guerra” (*overt act*) japonês estava FDR esperando em Pearl Harbor? Ele ordenou prevenção contra sabotagem e que submarinos não poderiam entrar, o que deixou fora o ataque aéreo. As palavras exageradas expuseram a intenção de FDR – não apenas que foi permitido ao Japão atacar, porém que infligisse danos aos navios. Esta ordem de FDR permitir o ataque japonês significava auxiliar o inimigo – traição explícita.

• **29 de novembro** – Hull, sentado em Lafayette Park, próximo à Casa Branca, com o famoso repórter da *United Press* Joe Leib, mostrou-lhe a mensagem que dizia que Pearl Harbor seria atacada no dia 7 de de-

zembro. Esta poderia ter sido a mensagem transmitida por Churchill dia 26 de novembro. The New York Times, na sua edição de 8 de dezembro de 1941, assinalou na pág. 13, sob a manchete “Ataque era esperado”, que os EUA conheciam com uma semana de antecedência que Pearl Harbor estava para ser atacada. Talvez Leib não tenha sido o único repórter com que Hull tenha se confidenciado.

• **29 de novembro** – Escuta telefônica, plantada pelo FBI na Embaixada do Japão, interceptou conversa em linguagem clara, no telefone internacional, entre o embaixador Kurusu, em Washington, e o chefe do Ministério das Relações Exteriores em Tóquio, K. Yamamoto: “Diga-me qual é a hora zero. De outro modo não serei capaz de executar minha tarefa diplomática”. A voz de Tóquio respondeu calmamente: “Bem, então, eu direi a você. Zero hora é 8 de dezembro (os EUA traduziram-na em 29 de novembro de 1941 – lembrar que 8 de dezembro em Tóquio é 7 de dezembro nos EUA).

• **30 de novembro** – nos EUA (1º de dezembro em Tóquio) – Para a Força-Tarefa japonesa foi transmitida via rádio a seguinte ordem no código JN-25: “JAPÃO, SOB A NECESSIDADE DE SUA AUTOPRESERVAÇÃO E AUTO-DEFESA, ENCONTRA-SE EM POSIÇÃO PARA DECLARAR GUERRA AOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA” (Congress Appendix D, pág. 415). A China, aliada dos EUA, também obteve a mensagem em seu texto integral de um avião japonês derrubado próximo a Cantão nesta tarde. Este fato determinou uma Conferência Imperial de emergência porque eles sabiam que os chineses dariam a informação aos EUA e a GB. Por meio de uma mensagem transmitida no código J-19, no dia seguinte, os americanos traduziram instruções elaboradas sobre a conferência, com detalhes precisos sobre o método de internamento de americanos na

Ásia ao “irromper a guerra com a Inglaterra e os Estados Unidos”.

• **1º de dezembro** – O escritório da Inteligência Naval, ONI, no 12º Distrito Naval em São Francisco, encontrou a Esquadra japonesa dada como perdida por informações correlatas de quatro novos serviços telegráficos e de várias companhias de navegação: eles estavam obtendo sinais estranhos a oeste do Havai. A União Soviética também conhecia a posição exata da Força-Tarefa japonesa porque, com antecedência, ela solicitou permissão para que deixasse um de seus mercantes passar (Layton, *And I was There*, pág. 261). Este fato, ocorrido em 14 de novembro, provavelmente foi passado aos americanos porque o anel de espionagem de Sorge estava crescendo. Todos os patrulhas de longa distância PBY baseados nas Aleutas receberam ordens de permanecer em terra em 6 de dezembro, para evitar contatos.

• **1º de dezembro** – O ministro do Exterior japonês Togo enviou mensagem ao embaixador Nomura para continuar as negociações “para evitar que os EUA se tornem desnecessariamente suspeitos”.

• **1º de dezembro** – O Navio-Tanque *Shiriyu*, que foi incorporado à Força Tarefa, em ordem interceptada em 14 de novembro, transmitiu mensagem rádio “procedendo para a posição 30,00 N e 154,20 E. Espero atingir o ponto em 3 de dezembro (próximo das Ilhas Havaianas)”. O fato de essa mensagem encontrar-se arquivada no Nacional Archives destrói o mito de que a força de ataque manteve o silêncio rádio. “Força de Ataque, Ordem de Operações Número Um” (SF – série # 820 datada de 19 de novembro) determinava que todos os 31 navios usariam as ondas longas nas comunicações rádio e ao Encouraçado *Hiei* foi ordenado co-

municar-se com Tóquio e com os outros navios da esquadra em ondas curtas. Os apologistas de FDR sempre mentiram sobre esta ordem. Quando eles necessitam mentir para ter um caso*, é uma admissão de que seu caso é fraco. Os números de série provam que a Força de Ataque transmitiu mais do que 663 mensagens entre 16 de novembro e 7 de dezembro, ou cerca de uma por hora. A NSA não liberou 25% das mensagens originais interceptadas porque os *hearers*** poderiam provar que a Força-Tarefa não manteve silêncio rádio, e também as informações sobre as marcações radiogoniométricas pela mesma razão. A razão é se ver forçada a admitir que enganou o povo. No dia 29 de novembro o *Hiei* transmitiu uma mensagem para o Comando da Terceira Esquadra; no dia seguinte o *Akagi* transmitiu várias mensagens para os navios-tanques – ver pág. 474 do *Hewitt Report*. Stinnet, no seu livro *Day of Deceit* (pág. 209), encontrou evidências de que mais de cem mensagens da Força de Ataque estavam no National Archives. Todas as marcações radiogoniométricas relatadas pela Inteligência do Havai foram simplesmente descartadas. Informações datadas de 5 de dezembro mostram mensagens da Força de Ataque interceptadas pela Station Cast, Inteligência americana nas Filipinas. Procedente de analistas de tráfego, a Inteligência do Havai avisou que a força dos navios-aeródromos estava no mar e no norte. O fato mais surpreendente a essa informação foi que o comando do General MacArthur enviou uma série de três mensagens (nov. 26, 29 e dez. 2) para a Inteligência no Havai, mentindo sobre a localização dessa força – dizendo que ela estava no Mar do Sul da China, a oeste das Filipinas. Esta falsa informação, que a NSA classifica de inexplicável,

* N.A.: No sentido usado nos tribunais.

** N.A.: Receptores de sinais-rádio.

foi a verdadeira razão pela qual a Inteligência do Havaí foi apanhada de surpresa. Duane Whitlock, que ainda vive em Iowa, transmitiu essas mensagens.

- Existia um grande número de mensagens que davam a posição da Força de Ataque insinuando para as Aleutas, o Pacífico Norte e vários sistemas tempestuosos nas proximidades das Ilhas Havaianas.

- **1º de dezembro** – FDR interrompeu suas curtas férias programadas de dez dias, após um dia, para encontrar-se com Hull e Stark. O resultado deste encontro foi publicado no dia 2 de dezembro no *Washington Post*: “Presidente Roosevelt assumiu ontem o comando das ações diplomáticas e militares no que concerne ao Japão”. Essa decisão politicamente inadequada foi necessária para prevenir amotinação de conspiradores.

- **1º de dezembro** – 15h30. FDR leu a mensagem do ministro das Relações Exteriores Togo para seu embaixador na Alemanha: “Diga muito secretamente a eles (os alemães) que existe extremo perigo entre o Japão e os anglo-saxões de recorrerem às armas; acrescento que o tempo desta guerra começar está mais próximo do que se possa sonhar”. Esta orientação foi em resposta à forte pressão alemã em 29 de novembro para o Japão atacar os EUA e a promessa de unir-se ao Japão na guerra contra os americanos. A segunda das três partes da mensagem nunca foi liberada, mas foi dito que continha os planos de guerra. Esta é somente uma das três interceptações diplomáticas conhecidas que especificava Pearl Harbor como o alvo. Ela era de tal modo interessante que FDR ficou com uma cópia.

- **2 de dezembro** – 22 horas, hora de Tóquio. Eis uma típica mensagem, codificada no JN-25, de navios no porto encaminhadas para a Força de Ataque; palavras entre pa-

rênteses estavam no original: “Força de Ataque telegrama nº 994. Dois encouraçados (*Oklahoma, Nevada*), um navio-aeródromo (*Enterprise*), dois cruzadores pesados, 12 destróieres no mar. A força que suspendeu em 22 de novembro retornou ao porto. Navios fundeados em Pearl Harbor 28 de novembro PM são seis encouraçados (dois classe *Maryland*, dois classe *Califórnia*, e dois classe *Pensilvânia*), um navio-aeródromo (*Lexington*), nove cruzadores pesados (cinco classe *São Francisco* (três classe *Chicago* e um classe *Salt Lake*), cinco cruzadores leves (quatro classe *Honolulu* e um classe *Omaha*)”.

- **2 de dezembro** – O comandante da Esquadra Imperial Combinada, Yamamoto, transmitiu para a força de ataque, em linguagem clara (*uncoded*): “Climb Nitakayama 12:08.” (8 de dezembro no Japão, 7 de dezembro no Hawai. Então os EUA sabiam exatamente quando a guerra começaria).

- **2 de dezembro** – O General Hein Ter Poorten, comandante do Exército das Índias Orientais Holandesas, enviou a Mensagem dos Ventos (*Winds*) para o Departamento de Guerra americano. Os australianos tinham um centro em Melbourne, e os chineses também quebraram o JN-25. Um submarino holandês acompanhou visualmente a força de ataque ao largo das Ilhas Kurilas no início de novembro, e esta informação foi passada para Washington, que não a retransmitiu para o Havaí. As interceptações realizadas pelos holandeses continuam classificadas.

- **2 de dezembro** – A ordem japonesa nº 902 especificava que as tabelas aditivas versão 7 do velho JN-25 continuariam em uso ao lado da versão 8 quando esta fosse introduzida em 4 de dezembro. Isto signifi-

* N.A.: “Escalar o Niitaka 12:08”. Monte Niitaka é a mais alta montanha do Império japonês e serviu como palavra-código para o ataque.

ca que os EUA leram completamente todas as mensagens para a Força de Ataque.

• **4 de dezembro** – Nas primeiras horas, Ralph Briggs, na Estação de Interceptação da Marinha na Costa Leste, recebeu a mensagem “East Winds Rain”, a execução da Mensagem dos Ventos, que significava guerra. Ele colocou-a imediatamente no circuito TWX e comunicou ao seu comandante. Esta mensagem, Despacho Japonês # 7001, sumiu dos arquivos. Uma das principais coberturas para evitar conhecimentos de fatos relativos a Pearl Harbor era fazer com que essa mensagem desaparecesse. Por que Roosevelt não alertava o Havaf, quando ele sabia que a guerra era certa? A Mensagem dos Ventos significa traição facilmente provada. Em resposta à execução da Mensagem dos Ventos, todas as estações do Extremo Oriente (Havaf não foi informada) receberam ordem para destruir seus códigos e documentos classificados, inclusive a Embaixada em Tóquio.

• **4 de dezembro** – A Holanda invocou o ADB*, acordo de defesa conjunta, quando os japoneses cruzaram a mágica linha de 100°E e 10°N. Os EUA estavam em guerra com o Japão três dias antes de eles estarem em guerra conosco.

• **4 de dezembro** – O General Ter Poorten enviou todos os detalhes da execução da Mensagem dos Ventos para o Coronel Weijerman, adido militar em Washington, com a determinação de entregá-la aos mais altos círculos militares em Washington. Weijerman entregou-a pessoalmente a Marshall, chefe do Estado-Maior do Departamento de Guerra.

• **4 de dezembro** – O General do Exército dos EUA Thorpe, em Java, transmitiu quatro mensagens alertando sobre o ataque a Pearl Harbor. Recebeu ordens de parar com o envio de alertas.

• **5 de dezembro** – Todos os navios mercantes japoneses receberam ordem de retornar aos portos de origem.

• **5 de dezembro** – Em uma reunião do Gabinete, o secretário da Marinha Frank Knox disse: “Bem, o senhor sabe, Sr. Presidente, nós sabemos onde está a Força de Ataque?”. “Sim, eu sei”, respondeu FDR. “Eu penso que devemos dizer a todos em que ponto se encontra a lista de checagem”. “Nós temos informações, como Knox mencionou... Bem, você diga a eles quais são, Frank”. Knox ficou muito nervoso e disse: “Bem, nós temos informações muito secretas de que a Esquadra japonesa está no mar. Nossa informação é...”. Então, com a fisionomia fechada, FDR tirou-o da conversa. (Infamy, Toland 1982, capítulo 14).

• **5 de dezembro** – O repórter do Washington Star Constantine Brown citou um amigo em seu livro *The Coming of the Whirlwind**, pág. 291, “É isso aí! Os Japs estão prontos para atacar. Nós quebramos seus códigos e lemos suas ordens”.

• **6 de dezembro** – A mensagem do dia 18 no código J-19 foi traduzida pelo Exército:

1. Os navios fundeados no porto no dia 15 são como transmiti na mensagem nº 219 naquele dia: Área A – um encouraçado da classe *Oklahoma*, entrou e um navio tanque suspendeu; Área C – três cruzadores parados estão fundeados.

2. No dia 17 o *Saratoga* não se encontrava no porto. O *Enterprise* ou algum outro navio estava na Área C. Dois cruzadores pesados da classe *Chicago*, um da classe *Pensacola*, estão atracados nas docas “KS”. Quatro mercantes estão fundeados na área D.

• Às 10 horas da manhã do dia 17, oito destróieres foram observados entrando no porto. Obviamente esta informação não foi passada para o Havaf.

* N.A.: América, Holanda e Inglaterra.

** N.A.: Ciclone.

• **6 de dezembro** – Pedido de Tóquio, a 2 de dezembro, para que o Havaí informasse sobre a existência de barragens de balões, redes antitórpedicas e reconhecimento aéreo foram traduzidas pelo Exército.

• **6 de dezembro** – Às 21h30, FDR leu as 13 primeiras partes da mensagem da declaração de guerra decodificada e disse: “Isto significa a guerra”. Que espécie de presidente faria nada? Quando retornou de seu jantar com 34 convidados, ele disse: “A guerra começa amanhã”.

• **6 de dezembro** – O gabinete de guerra: FDR, assessor especial Hopkins, Stimson, Marshall, secretário da Marinha Knox, com os auxiliares John Mc Crea e Frank Beatty “deliberadamente sentados a contragosto durante a noite de 6 de dezembro de 1941, aguardando o ataque japonês” (*Infamy*, capítulo 16 séc 2)

• **7 de dezembro** – Mensagem do cônsul japonês em Budapeste para Tóquio: “No dia 6 o embaixador americano apresentou ao governo deste país um comunicado do Governo britânico no sentido de que um estado de guerra seria irrompido no dia 7”. O comunicado foi o Alerta de Guerra procedente do Almirantado britânico no dia 5. Este alerta com elevada prioridade foi entregue pessoalmente a FDR no dia 5. O Marechal-do-Ar da Inglaterra com jurisdição no Oriente Próximo revelou ao Coronel Bonner Fellers, no sábado, que havia recebido mensagem secreta via rádio de que a América estaria em guerra em 24 horas. Churchill resumiu a mensagem no livro *Grand Alliance*, pág. 601, ao listar duas esquadras japonesas atacando alvos britânicos e “outra esquadra japonesa ... também no mar com outra tarefa”. Existiam apenas três destinos para essa outra força – Guam, Filipinas e Ilhas Havaianas. Dois parágrafos do alerta, os alvos britânicos somente foram impres-

sos no livro *At Dawn we Slept*, Prange*, pág. 464. Não existe um propósito inocente para nosso governo não liberar este documento.

• **7 de dezembro** – Muito cedo em Washington, havia dois fuzileiros, em detalhe de serviço de emergência, estacionados do lado de fora da porta dos adidos navais japoneses. Às 9h30, oficiais de gabinete solicitaram com ênfase ao Almirante Stark (CON) para enviar um alerta para o Havaí. Ele não o fez. Às 10 horas FDR leu a 14ª parte da Declaração de Guerra. Às 11 horas FDR leu a 15ª parte, que acompanhava e finalizava o documento, onde estava estipulado que a declaração de guerra deveria ser entregue ao Departamento de Estado às 13 horas, próximo ao crepúsculo matutino em Pearl Harbor, e nada fez. O secretário da Marinha Knox recebeu a 15ª parte às 11h15, com esta observação do setor de Inteligência da Marinha: “Isto significa um ataque a Pearl Harbor ao nascer do sol”. A Inteligência da Marinha transmitiu esta previsão para Hull e cerca de oito outros endereçados, inclusive a Casa Branca. As 10h30 Bratton informou a Marshall que ele estava de posse de mensagem extremamente importante (a 15ª parte) e que desejaria levá-la à sua residência, porém Marshall respondeu-lhe que a entregasse em seu gabinete de trabalho. Às 11h25, Marshall encontrava-se em seu gabinete, como havia dito a Bratton. Marshall testemunhou que ele havia cavalgado pela manhã, porém foi refutado por Harrison, McCollum e Deane. Marshall, que havia lido as primeiras 13 partes às 10 da noite anterior, posteriormente cometeu perjúrio em corte ao negar que sequer as havia recebido. Marshall, diante das urgentes súplicas de seus auxiliares para que alertasse o Havaí, atrasou de modo estranho a transmissão da mensagem, inclusive lendo e relendo todas as suas 14 partes (e algumas partes, diversas vezes), o que levou uma hora, e recusou-se a usar o telefone com misturador de

* N.A.: Prange é um defensor de FDR e contesta, no livro, a posição revisionista.

palavras existente em sua mesa, negou-se a enviar pelo rápido e mais seguro sistema da Marinha, porém mandou Bratton três vezes averiguar quanto tempo levaria pelo meio mais lento do Exército – quando informado que demoraria cerca de 30 ou 40 minutos pelo sistema rádio do Exército, ele ficou satisfeito (isto significava que ele atrasara o bastante para que o alerta chegasse a Pearl Harbor após 13 horas, hora limite de Washington). O aviso foi transmitido via comercial sem prioridade e chegou ao destino com seis horas de atraso. Essa mensagem foi recebida pelos outros endereçados, como Filipinas e Zona do Canal, em tempo hábil.

• **7 de dezembro** – 7h55, hora do Havá – “AIR Raid PEARL HARBOR. Isto não é um Exercício”.

• **7 de dezembro** – 13h50, hora de Washington. Harry Hopkins, que era a única pessoa com FDR quando ele recebeu as notícias do ataque por telefone de Knox, escreveu que FDR não se mostrou surpreso e que assim expressou-se: “Grande alívio”. Eleanor Roosevelt escreveu sobre 7 de dezembro em seu livro *Isto eu relembro*, pg. 233, que FDR ficou “de algum modo mais sereno”. No *NY Times Magazine* de 8 de outubro de 1944 ela escreveu: “7 de dezembro foi... longe do choque que provocou na nação em geral. Nós esperávamos alguma coisa naquele sentido por muito tempo”.

• **7 de dezembro** – 15h – “[Gabinete de guerra] reuniu-se em atmosfera menos tensa, porque eu penso que, em última análise, o inimigo era Hitler... e o Japão nos dera uma oportunidade.” Harry Hopkins (mais graduado agente da KGB e *alter ego* de FDR), Dec. 7 Memo. (*Roosevelt e Hopkins, R. Sherwood*, pg. 431)*

• **7 de dezembro** – Nove horas mais tarde, toda a Força Aérea de MacArthur foi apanhada de surpresa e destruída nas Fili-

pinas. Sua reação sobre as notícias de Pearl Harbor foi deveras insólita – trancou-se em sua sala toda a manhã, recusou-se a se encontrar com o comandante de sua força aérea, General Brereton, e rejeitou atacar as forças japonesas em Formosa. Estrategicamente, a destruição de metade dos bombardeiros americanos em todo o mundo foi mais danosa aos EUA do que as perdas navais em Pearl Harbor. Ou MacArthur cometeu a maior das asneiras ou negligência (*blunder*) na história militar ou ele obedecia a ordens do Departamento de Guerra a fim de permitir que suas forças fossem destruídas. Se o caso foi da maior das asneiras da história, é fantástico como ele escapou de qualquer reprimenda, manteve seu comando, foi promovido à sua quarta estrela e recebeu a Medalha de Honra do Congresso pouco tempo depois. Prange indaga: Como poderia o Presidente garantir um tão bem-sucedido ataque japonês a não ser que confiasse em seus comandantes e os persuadissem a permitir que o inimigo procedesse com tanta facilidade?”



A impressão que fica é a de que o poder de persuasão de Roosevelt era de tal ordem que parecia que ele hipnotizava ou enfeitiçava aqueles com quem tratava mais diretamente. Aos que resistiam aos seus truques, simplesmente despachava-os.



• **7 de dezembro** – Às 20h30, FDR expressou-se ao seu gabinete: “Nós temos razão para acreditar que os alemães afirmaram aos japoneses que se o Japão declarar guerra,

* N.A.: Alguns dos revisionistas são/eram ferrenhos adversários de Roosevelt e da política de seu governo. Acusavam-no, ao lado de sua mulher Eleanor, de comunista, amigo de “Joe” Stalin e traidor.

eles declararão também”. Em outras palavras, uma declaração de guerra do Japão automaticamente trará...”, neste ponto foi interrompido, porém sua expectativa e foco eram claros. A Sra. Frances Perkins, secretária do Trabalho, observou, mais tarde, sobre FDR: “Eu tinha um profundo sentimento emocional de que alguma coisa estava errada, que esta situação não era o que aparentava ser”. A Sra. Perkins estava obcecada pela estranha reação de Roosevelt nesta noite e notou particularmente na expressão que ele mostrava: “Em outras palavras, havia momentos em que eu associava esta expressão a uma espécie de evasiva ambigüidade”.

- FDR encontrou-se com o âncora da CBS Edward R. Murrow à meia-noite. Murrow já havia visto muitos estadistas em crise e ficou surpreso com a calma demonstrada pelo Presidente. Após ligeira conversa sobre Londres, eles passaram em revista as últimas notícias procedentes de Pearl Harbor, quando FDR testou os instintos de jornalista de Murrow com duas perguntas bizarras que não deveriam ser feitas: “Isto (o ataque a Pearl Harbor) o surpreendeu?” Murrow respondeu: “Sim. FDR: “Talvez você pense que ele não nos tenha surpreendido”.

- **8 de dezembro** – Em conversa com seu porta-voz Rosenman, FDR enfatizou que Hitler continuava sendo o alvo principal, porém temia que a grande maioria dos americanos insistisse em dar à guerra do Pacífico, no mínimo, a mesma importância da guerra contra Hitler”.

- Mais tarde, Jonathan Daniels, assistente administrativo e secretário de Imprensa de FDR, registrou: “A pancada foi mais pesada do que ele esperava necessariamente ser... Porém era válido o risco, mesmo que a perda fosse elevada...”.

- FDR recordava com Stalin em Teerã, em 30 de novembro de 1943: “Se os japoneses não houvessem atacado os EUA, ele duvidava muito se seria possível enviar alguma força da América para a Europa”. Compare este pronunciamento com aquele feito por FDR durante a Conferência do Atlântico, quatro meses antes de Pearl: “Tudo será feito a fim de provocar um incidente para justificar as hostilidades”. Considerando que um ataque japonês era o único incidente possível, então FDR prometeu que ele faria isso.

COMISSÕES E ACOBERTAMENTOS

- Duas e somente duas cortes de justiça decidiram se os responsáveis pelo infortúnio em Pearl Harbor foram FDR e Washington ou os comandantes no Havaí. Ambas, The Navy Court e o Army Board, julgaram Washington culpado. A posição oficial do governo dos EUA e destas cortes é que a conspiração foi verdadeira. As cortes determinaram a verdade final”.

- Navy Court of Inquiry.

- Army Board Report (Ultra-Secreto), Oct, 1944. “Agora nos deixe abordar o mal-fadado período entre 27 de novembro e 6 de dezembro de 1941. Neste período, numerosos documentos de informação chegaram aos Departamentos de Estado, de Guerra e da Marinha em todos os altos escalões, indicando precisamente as intenções dos japoneses, inclusive a provável hora e data do ataque”. Em resposta a essa assertiva, Marshall ofereceu sua renúncia – o sinal de uma consciência culpada. Marshall testemunhou ante a MacArthur que ele considerava a lealdade ao seu chefe acima da lealdade a seu país.

* N.A.: Parece-me forçada esta conclusão, uma vez que outras investigações continuaram a ser feitas, inclusive pelo Senado, e o processo está inconclusivo até hoje. Entendo por tudo que li, repito, que os revisionistas estão com a razão no que concerne ao conhecimento antecipado do ataque, embora a estratégia política elaborada por Roosevelt provavelmente tenha salvo o mundo do nazismo de Hitler.

O Joint Congressional Committee em suas investigações sobre o ataque a Pearl Harbor, de 15 de novembro 1945 a 31 de maio 1946, provou que houve tantas mudanças de posição de testemunhas, acobertamentos e inequívocas mentiras que a verdade deve esperar até que todos os documentos relativos a Pearl Harbor sejam desclassificados.



A maioria dos conspiradores era militar, todos homens da escolha de FDR, homens que somente seguiam ordens e aos quais FDR nunca delegou autoridade. Stark, em resposta a acusações de que ele havia negado informações sobre o Havaí, publicamente ofereceu uma defesa do tipo Nuremberg, em agosto de 1945, ao dizer que tudo o que ele fez antes do dia 7 de dezembro de 1941 foi em cumprimento a ordens de FDR. Os poucos militares em Washington DC responsáveis pelo desastre em Pearl Harbor estavam diretamente sob o controle de FDR e mais tarde foram promovidos e protegidos de investigações – promovidos com o inteiro conhecimento de FDR de que eles foram responsáveis por não alertarem o Havaí. Está registrado que o grupo da Inteligência em Washington tentou alertar a Inteligência do Havaí várias vezes, porém foi impedido pelos homens de FDR.



CONSTATAÇÕES

Os EUA foram alertados, pelo menos, pelos governos de Inglaterra, Holanda, Austrália, Peru, Coreia e União Soviética de que ocorreria um ataque de surpresa a Pearl Harbor. Todos os códigos importan-

tes dos japoneses haviam sido quebrados. FDR, Marshall e outros sabiam que o ataque estava se aproximando; permitiram e encobriram seu conhecimento. É significativo que ambos, o chefe da OPP-20, G. Safford, e Friedman, do Serviço de Inteligência do Exército, as duas únicas pessoas no mundo que sabiam o que nós havíamos decodificado, disseram que FDR sabia que Pearl Harbor ia ser atacada.



Em novembro, FDR ordenou ao diretor da Cruz Vermelha para Socorro a Desastres que estivessem secretamente preparados para maciças baixas entre mortos e feridos em Pearl Harbor, porque ele estava deixando a base ser atacada. Quando o diretor protestou, o Presidente Roosevelt disse-lhe que **“o povo americano nunca concordaria em entrar numa guerra na Europa, a menos que ele fosse atacado (sic) dentro de suas próprias fronteiras”**. Ver US. Naval Institute – Naval History, Aviso antecipado? A conexão Cruz Vermelha, por Daryl S. Borgquist.



Churchill escreveu: FDR sabia. FDR sabia que Pearl Harbor era o alvo japonês? Resposta: FDR planejou para Pearl Harbor ser o alvo. Ele ordenou que os modernos cruzadores pesados e os navios-aeródromos deixassem o porto. Co-conspirador, Churchill escreveu sobre o ataque que FDR e seus assessores mais próximos “sabiam todos os imediatos propósitos de seus inimigos”. (*Grand Alliance*, pág. 603). Toda a abordagem de Churchill sobre Pearl Harbor foi uma justificativa para a traição, por exemplo: “Um ataque japonês contra os EUA era

uma enorme simplificação de problemas (FDR e conselheiros) e de seus trabalhos. Como podemos saber que eles olhavam a atual forma de ataque, ou mesmo sua escala, como incomparavelmente menos importante do que o fato de que toda nação americana estaria unida...? Por que a preocupação de Churchill em defender a traição, a menos que ela tenha acontecido?"



J. Edgar Hoover disse aos seus amigos, no começo de 1942, que FDR sabia sobre o plano de Pearl Harbor desde cedo, no outono. Está totalmente no caráter de FDR produzir (inventar) uma explicação para tal plano. Não apenas o Senado já o havia censurado por grande falta de perspectiva moral, porém, como Walter Lippman escreveu, "seus propósitos não eram simples e seus métodos não eram diretos".



Por que sacrificar os navios velhos e lentos

1. FDR tinha que fazer isso para entrar na guerra, como ele próprio mais tarde disse a Stalin. Necessitava de um grande insulto ao povo americano e que houvesse grande sacrifício.

2. Poderia fazer isso? Ele "amava muito a Marinha"? Estava sacrificando navios no Atlântico para o mesmo propósito. Certamente ele poderia fazer isso - ele estava fazendo isso.

3. Ele salvou todos os importantes navios da esquadra. Na primavera havia mandado muitos navios para o Atlântico. Segu-

rou o Navio-Aeródromo *Saratoga* na costa oeste. Determinou que suspendessem duas forças-tarefas nucleadas nos navios-aeródromos, significando que não somente eles, mas também seus rápidos escoltas*, deveriam ser salvos. Todas as novas unidades estacionadas em Pearl Harbor foram salvas. Somente as "sucatas" da Primeira Guerra foram deixadas no porto.

4. A atitude de FDR é destacada com ênfase pelo co-conspirador Almirante Bloch's ao testemunhar perante o Congresso: "Os japoneses somente destruíram enorme quantidade de *hardware*. Neste sentido fizeram-nos um favor".**

5. Era este o pensamento de FDR. Em 7 de dezembro, às 14h15, após receber as notícias do ataque e antes de receber relatório das perdas e danos, FDR convocou Lord Halifax e disse-lhe: "A maioria da Esquadra estava no mar... nenhum dos navios modernos encontrava-se no porto". Ele resguardou os navios modernos, as unidades importantes da esquadra, e este fato estava à frente de seu pensamento quanto ao que se relacionava ao ataque. Assim, Pearl Harbor foi "o primeiro tiro sem causar muito dano para nós", ele pensava. FDR foi o arquiteto da conspiração, desde o embargo do petróleo até os retoques finais que determinariam, com o ataque a Pearl Harbor, quem deveria viver e quem deveria morrer.



Cobertura através do segredo

Por que os governos se recusam a liberar todas as mensagens concernentes à Força de Ataque, ou qualquer mensagem decodificada antes do 7 de dezembro? Nada

* N.A.: Cruzadores pesados modernos.

** N.A.: Não se referiu à perda de homens.

existe absolutamente que envolva a segurança nacional para ocultar no código JN-25B. Trata-se de um código trivial do século XIX e sem valor atual. As técnicas para quebrá-lo foram publicadas para os interessados em 1931. O governo dos EUA orgulhosamente mostrou como usaram a decodificação do JN-25B, após 8 de dezembro, para vencer a Batalha de Midway, que ocorreu sete meses depois de Pearl Harbor. Consequentemente, nada existe de intrínseco em relação ao código propriamente dito, o modo como foi quebrado ou o fato de que nós o havíamos quebrado, que tenha alguma implicação de qualquer natureza relativa à segurança. Qual a diferença entre as decodificações por meio da máquina Púrpura e aqueles do JN-25? A resposta é simples: o JN-25 contém as últimas mensagens com os detalhes operacionais do ataque à Pearl Harbor, o que não acontecia com o Púrpura.



O que o governo está escondendo?

Por que não revela a verdade? Tal segredo gera desconfiança no governo. As únicas coisas que foram deixadas ocultas são as mensagens decodificadas no JN-25 e folhas escritas que mostram que os EUA e a Inglaterra monitoraram a Força-Tarefa

japonesa durante toda sua singradura até Pearl Harbor.

Este é o escândalo. Este o grande segredo. E levanta o tema que permite argüir se a NSA trabalha como subordinada no fato de que existiu traição. Todavia, o segredo e a direção errada da NSA sobre nossas capacitações com o JN-25B e as mensagens transmitidas antes da guerra provam que existe algo muito errado.

A NSA tem sistematicamente mentido sobre o tamanho dos livros do JN-25 por um fator 4 e quantos criptoanalistas trabalhavam no código em 1941 por um fator de 22. Mais do que um quarto das mensagens codificadas no JN-25 transmitidas em novembro e princípio de dezembro de 1941 estão ainda classificadas!!! A NSA recusa-se a liberar os Arquivos de Inteligência da Publicação 79, livro completo de códigos JN-25B, porque isto acabaria com suas mentiras*. A NSA é uma Gestapo que não está comprometida com a verdade, nem com abrir o governo ao público, nem a obedecer às regras da lei. Vivemos uma história orweliana na qual a traição é honrada, na qual o assassinato por FDR de milhares de jovens inocentes é o bem. Em uma palavra, nós não somos diferentes das tiranias que denunciemos. Um povo autogovernado deve conhecer a verdade para tomar suas próprias decisões. Ao subverter a verdade, a NSA está subvertendo nossa democracia.

O ESTADISTA

A oportunidade para o grande movimento político estratégico fora oferecida pela assinatura do pacto tripartite Roma-Berlim-Tóquio. O estadista a percebera e a perseguiria. Os EUA entrariam em guerra com a Alemanha. Continuar provocando Hitler

seria agora desnecessário. Tudo viria por intermédio do Japão.

Roosevelt encontrara a solução para o grande problema que o afligia, o convencimento dos isolacionistas americanos, alguns deles ultra-radicais de direita e seus

* N.A.: E esse sigilo independe do Presidente no poder - se democrata ou republicano.

inimigos políticos, para levar o país à guerra contra Hitler, àquela altura já detectado pelo Presidente como o grande apelo da humanidade.

A Inglaterra estava de joelhos, prestes a dobrar-se. Roosevelt não poderia e não a deixaria cair, pois, aí sim, encontrava-se em jogo a própria segurança da América.

Para atingir o grande propósito utilizou-se de métodos tortuosos, é verdade; sacrificou vidas americanas, sem dúvida; amargurou-se com esse fato, acredito; e, destruiu a honra e a carreira militar de dois chefes dos mais distintos, o Almirante Husband E. Kimmel e o Tenente-General Walther Short, talvez friamente, pois a questão que aflorou, logo após o ataque a Pearl Harbour, foi encontrar o responsável pela

catástrofe. E, tal responsabilidade não poderia cair sobre os ombros do Presidente ou de seus auxiliares mais próximos.

Franklin Delano Roosevelt não titubeou... nem poderia.

Eis a diferença entre o Estadista – esta figura quem sabe inexistente, embora tão necessária no mundo atual – e os que escolhem por profissão dedicar-se com competência à causa pública.

Roosevelt enfrentou as poderosas organizações radicais e os defensores de teorias conspiratórias cada vez mais frequentes nos EUA. Ainda hoje tem sua honra vilipendiada.

Todavia, perante a história, sua decisão permite que lhe seja conferido o epíteto de Estadista.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

HISTÓRIA> História dos Estados Unidos; Segunda Guerra Mundial; História da Alemanha; Roosevelt, Franklin; Willey, Mark; Informação na guerra; Código, Criptografia;

BIBLIOGRAFIA E CONSULTAS

Para o presente capítulo utilizei-me de uma pequena referência ao livro de Franco Martinelli, *História dos Estados Unidos*, tomo I*, e do livro *Pearl Harbor – mother of all conspiracies*, de Mark Emerson Willey (apenas 10% do livro).

Fiquei em dúvida se utilizaria a referência acima ou o trabalho do Institute for Historical Review – *Journal of Historical Review*, “Pearl Harbor: Fifty Years of Controversy”, no qual são sumarizados trabalhos de diferentes autores, revisionistas e apologistas de Franklin Delano Roosevelt. Ambos atendiam ao meu propósito.

Optei por *Pearl Harbor mother of all conspiracies*, não por ser o autor um defensor da direita radical nos Estados Unidos, mas pela sequência cronológica dos eventos que culminaram com o ataque a Pearl Harbor, que entendi dar uma boa compreensão sobre o tema.

A fim de formar juízo em relação ao assunto, que ainda hoje é discutido e controvertido nos EUA, já li e reli alguns livros, dos quais destaco:

- *Admiral Kimmel's Story*, do próprio Almirante Kimmel;
- *Le Secret de Pearl Harbor*, 7 décembre 1941, do Contra-Almirante R. A. Theobald (R), traduzido para o francês pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra R. Jouan;
- *American Military Policy, its development since 1775*, de C. J. Bernardo e E. H. Bacon;
- *Hiroito, por trás da lenda*, de Edward Behr;
- e, principalmente, “talvez o mais revelador documento de nosso tempo”, segundo Tom Roesser, do *Chicago Sun Times*, a obra *Day of Deceit*, a verdade sobre FDR e Pearl Harbor, de autoria de Robert B. Stinnett.

* NA – 1. Martinelli, Franco. *História dos Estados Unidos*, tomo I, Editorial De Vecchi, S.A., Barcelona, 1973, pág. 445;

2. *Ib.* pág. 449.



Liga dos Amigos do Museu Naval

Ajude a manter viva a nossa História!

Um Museu tem vida. Muitas vidas, contidas em um espaço que resgata a sensação de imortalidade. Muito mais que exposições, registro de fatos e de seus personagens, um museu traz para nosso cotidiano a alma daqueles que traçaram os rumos do País.

E para que uma parte importante da História do Brasil se mantenha preservada, o Serviço de Documentação da Marinha está revitalizando o Museu Naval.

Seja sócio da Liga dos Amigos do Museu Naval. A Liga tem o objetivo de apoiar o Museu Naval e de contribuir para ampliar a ação do Espaço Cultural da Marinha e dos navios-museus.

Associe o seu nome ou o de sua empresa à Liga dos Amigos do Museu Naval. Mais informações pelo telefone: (21) 2104-5480/6926 ou na Internet: <http://www.sdm.mar.mil.br>. O nosso e-mail é ligadosamigosdomuseunaval@oi.com.br